
OS LIVROS DE SEGREDOS ITALIANOS E O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA MODERNA

BOOKS OF SECRETS ITALIAN AND DEVELOPMENT OF MODERN SCIENCE

Julia Gruman Martins

Mestranda da Université Paris Diderot - Paris 7/ Università di Bologna

E-mail: juliagrumanmartins@gmail.com

RESUMO: Os livros de segredos foram um gênero de enorme sucesso nos séculos XVI e XVII, que unia elementos de diversas tradições: técnicas, hermetismo, alquimia, medicina empírica e magia natural. Graças à imprensa, traduções e reedições desses livros circularam por toda a Europa. Os “professores de segredos” foram os articuladores de saberes científicos e populares que se difundiram através de seus livros. O sincretismo da literatura de segredos ajudou a formar redes de transmissão de saberes, em que múltiplos agentes participaram. Como resultado desses encontros culturais, formou-se uma nova percepção do homem como operador sobre a natureza. Através da experiência, o homem podia melhor compreender a natureza e, através das técnicas, até mesmo melhorá-la, para seu próprio benefício. Essa concepção surgida do encontro da herança hermética com o universo do artesão, exemplificada pelos livros de segredos, facilitou o desenvolvimento tanto de um empirismo quanto de uma promessa de acesso ao saber que constituem a base da ciência moderna e do método experimental.

PALAVRAS CHAVE: Hermetismo. Empirismo. Ciência Moderna.

ABSTRACT: Books of secrets were a genre of great success in the 16th and 17th centuries, which combined elements from different traditions: techniques, hermeticism, alchemy, empiric medicine and natural magic. Thanks to the printing press, translations and re-editions of these books circulated throughout Europe. The “professors of secrets” were the ones who articulated scientific and popular knowledge, which spread thanks to their books. The syncretism in the literature of secrets helped create networks of knowledge transmission, in which many different agents took part. As a result of these cultural encounters, a new understanding of man as operator of nature was created. Through experience, man could better understand nature and, through techniques, he could even improve it, for his own benefit. This understanding, born of the encounter between the hermeticist heritage and the artisan’s world, of which books of secrets are an example, facilitated both the development of the empiricism and the promise of access to knowledge that are at the basis of modern science and the experimental method.

KEYWORDS: Hermeticism. Empiricism. Modern Science.

Introdução

Os livros de segredos constituem um gênero literário presente na Europa desde o fim da antiguidade até o fim do século XVIII. Desde sua origem, esses livros continham saberes de ordens diversas (medicina, astrologia, alquimia, cosméticos, etc.), organizados sob a forma de *receitas*, destinados àqueles “iniciados” nas ciências, isto é, àqueles que dominavam o

latim e geralmente provinham de um mesmo ofício, como os médicos. Esses livros conservaram sua forma ao longo da Idade Média, apresentando-se como manuais técnicos destinados a serem lidos por uma minoria – nobres ou clérigos. Aos saberes clássicos greco-romanos juntaram-se contribuições de teóricos medievais, como Averrói e Avicena. No início da Idade Moderna, graças à sua difusão cada vez maior sob forma impressa (EISENSTEIN, 1979, p. 520; KAVEY, 2007, p. 22), os livros de segredos atingiram o apogeu de seu sucesso (ainda que tenham continuado a circular no século XVIII): publicados em línguas vernáculas, traduzidos em diversos outros idiomas (tanto latim quanto outras línguas “vulgares”), estes livros de origem italiana atingiram diversas camadas da sociedade.

Diversos fatores poderiam explicar esse fenômeno cultural. Segundo William Eamon, os principais seriam a difusão da imprensa, o interesse cada vez maior pelos “remédios de Paracelso”, a decadência da escolástica, o desenvolvimento da medicina empírica e a demanda crescente por manuais práticos (técnicos, domésticos, médicos), combinados à urbanização e às transformações econômicas, assim como o conseqüente aumento da alfabetização nas cidades italianas (1994, p. 94). A “época de ouro” dos livros de segredos pode ser então situada entre a metade do século XVI e a metade do século XVII. Na realidade, o gênero é bastante difícil de situar teoricamente: eles concernem à história das ciências, da medicina, da farmácia, das técnicas, da literatura, e da cultura em geral. É justamente esta imprecisão em sua definição que torna uma abordagem interdisciplinar desse corpus textual pertinente. Contudo, esses textos constituem um corpus muito vasto, que não pode ser analisado extensivamente, e cuja análise quantitativa não é, de todo modo, a abordagem privilegiada neste artigo, que se baseia em alguns autores e em certas obras consideradas representativas.

O primeiro a caracterizar os livros de segredos como gênero literário foi John Ferguson, professor da Universidade de Glasgow, que entre 1883 e 1890 compilou centenas de títulos, sobretudo dos séculos XVI e XVII. Seu trabalho, embora mais descritivo do que analítico, constitui a base para o estudo dos livros de segredos. Por muito tempo, esse corpus foi negligenciado pela historiografia, até a publicação de *Science and the Secrets of Nature, de William Eamon*. Nesta obra, Eamon salienta a importância da longa tradição esotérica dos livros de segredos para a Revolução Científica, através do desenvolvimento de um novo conceito de experimentação. O sucesso dos livros de segredos no início da época moderna seria uma possível ligação entre a tradição esotérica dos segredos medievais (ainda privada, ligada às corporações de ofício, cujas experiências eram frequentemente devidas ao acaso e de

ordem individual) e a experiência baconiana, que segue um programa científico ligado a uma comunidade colaborativa. Assim os livros de segredos seriam o elo entre essas duas tradições, e constituiriam a base de um novo empirismo desenvolvido no interior da cultura popular.

Não se pretende aqui entrar a fundo no longo debate historiográfico sobre a cultura popular, mas apenas situar o objeto de estudo na historiografia. Diversos estudos já foram feitos sobre a “literatura popular” em um sentido amplo, abordando também o caso dos livros de segredos, sobretudo na França, devido ao emblemático caso da *Bibliothèque Bleue*, desde os anos 1960 (ANDRIES, 1994; ANDRIES; BOLLÈME, 2003; MANDROU, 1999). Na Alemanha, os livros de segredos são comparados aos *Kunstbüchlein*, livretos domésticos de receitas técnicas cotidianas que faziam um grande sucesso, e também aos tratados de farmácia que circulavam nos centros urbanos (TELLE, 1982; ZIMMERMAN, 1975). Na Inglaterra, é em relação aos *chapbooks* que eles são analisados, já que também tinham uma circulação importante e respondiam a necessidades cotidianas (SPUFFORD, 1984), enquanto na Espanha os livros de segredos são aproximados da literatura de *cordel* (BOTREL, 2000). Esses exemplos não podem ser reduzidos a um só fenômeno cultural, naturalmente, mas as relações que se estabelecem entre esses diversos livros considerados “populares” se baseiam na importância de sua circulação e em seu caráter utilitário (*how-to*).

Desde os anos 1990, diversos historiadores estudaram o rico e complexo corpus dos livros de segredos. Contudo, dada a dimensão desse corpus (milhares de livros do gênero circularam na Europa, sobretudo se forem consideradas as traduções e reedições), diferentes abordagens foram escolhidas. Historiadores culturais, das técnicas e da ciência estudaram partes desse corpus, por ângulos diversos e em relação a áreas culturais diferentes. Pamela H. Smith e Pamela O. Long, por exemplo, analisam os livros de segredos em geral por um viés da história das técnicas (LONG, 2011; SMITH, 2004), enquanto Henri Bonnemain se concentra sobre o aspecto farmacêutico das receitas (2001). Outros autores estudaram um livro em particular, com suas reedições, questionando aspectos gerais do fenômeno a partir de um caso representativo, como o estudo de Geneviève Deblock, que insiste na tendência à experimentação dos livros de segredos, principalmente no que concerne às receitas médicas (DEBLOCK, 2012). Em nosso estudo, a questão do encontro entre saberes ditos populares e a tradição de saberes técnicos e acadêmicos é central. Magia, alquimia, filosofia natural e hermetismo são compreendidos a partir dos principais livros dos autores que mais fizeram sucesso no período, que nos permitem uma comparação das trocas culturais nos séculos XVI

e XVII, partindo de 1555, ano em que a primeira edição dos *Secreti* de Alessio Piemontese é impressa, inaugurando a tradição dos livros de segredos modernos.

Livros de segredos, uma tentativa de cronologia

Os livros de segredos são compilações de receitas de origens diversas, inicialmente manuscritas e, depois, impressas. Desde o fim da antiguidade grega essas receitas eram chamadas de “segredos”, e as compilações haviam tido um papel importante na transmissão de conhecimentos ocultos e esotéricos, sobretudo na tradição da alquimia. Os “iniciados” nesses saberes formavam “comunidades de segredos”, grupos frequentemente nascidos no interior de uma corporação, como ferreiros ou farmacêuticos. Essas receitas tratam de diversos assuntos, que podem, num primeiro olhar, parecer aleatórios: alquimia, medicina, cosmetologia, astrologia, tinturas, metalurgia, geleias para conservar alimentos, etc. Entretanto, esses temas provêm de uma concepção de mundo “utilitária”: os livros de segredos têm como objetivo compreender, decifrar e dominar dois universos: o da natureza e o das artes, isto é, das técnicas.

A palavra “segredo” é polissêmica desde o início dessa tradição, indicando seja conhecimentos “escondidos” na natureza, que se podem decifrar pela experiência, seja conhecimentos práticos, procedimentos técnicos conhecidos somente no interior de um mesmo grupo profissional (DEBLOCK, 2012, p. 33; EAMON, 2011, p. 7). Todavia, esses conceitos não são exclusivos, mas complementares: eles representam a complexidade dos livros de segredos. *Curiosidade, receita, maravilha e mistério* estão em constante relação com *segredo* (KENNY, 2006). Estes aspectos da noção de “segredo” dialogam nas receitas, como observa Pamela Smith:

‘Secrets’ conjures up mysterious, perhaps marvelous knowledge and many books of ‘secrets gesture towards marvels and wonders or allude to the esoteric nature of their contents. (...) Secrets thus connoted wondrousness and concealment, perhaps even deception, but despite these connections with spectacle and the spectacular, most books of secrets are filled with more or less straight-forward recipes (2001, p. 47).

De fato, as receitas parecem “didáticas”: os ingredientes e os procedimentos são explicados de maneira bastante simples. Entretanto, diversas delas contêm ingredientes raros, exóticos (como especiarias orientais), ou simplesmente inexistentes (como sangue de dragão ou mandrágora, por exemplo), além de técnicas impossíveis, como a inserção de minerais no

interior do coração de um bode vivo para tingi-los. O tom muitas vezes direto dos autores dos livros, que parecem dialogar com um público de leitores definido por eles mesmos como vasto, parece entrar em contradição com essas dificuldades. O uso real dessas receitas pelos leitores pode certamente ser questionado, ainda que tenham sido *best-sellers*. Ademais, os autores expõem as receitas como se fossem o resultado de experiências diretas e pessoais, embora várias sejam claramente impossíveis, e em sua maioria cópias mais ou menos fiéis a manuscritos antigos. Como não são reflexos diretos da prática, os segredos são sempre fruto de uma *representação*. Robert Halleux elenca os principais problemas de uma análise desse tipo de documento, o irrepresentável e a falsa representação:

Au premier temps, les *problèmes* qui se posent sont le non-dit (ce qui va de soi ou ce qui fait le secret de fabrication) ; au deuxième temps s'enchaînent les corruptions textuelles involontaires (les fautes des scribes) et volontaires (les réinterprétations) et les évolutions sémantiques (les substances changent de nom, les noms changent de substance) ; au troisième temps, le texte de la recette affronte le choc en retour d'une nouvelle pratique (HALLEUX, 2009, p. 56).

Essas coletâneas são escritas a partir de uma ideia de dominar a natureza, de melhor conhecê-la para poder aproveitar seus benefícios, imitando-a e igualando-a através da técnica, e até mesmo superando-a em engenhosidade. É o que nos diz Isabella Cortese a propósito da curiosidade intelectual humana:

Da qui parimente è nato l'investigare gli occulti secreti della natura; ma che dico l'investigare? quando non solamente l'huomo si contenta della investigatione, ma cerca in tutto & per tutto mettendo in opera di farsi Scimia della natura, anzi che superarla, mentre tenta di fare quello, che alla natura è impossibile, & che ciò sia vero, si può cavare da' Secreti, che tutto il giorno si odono e uenggono mettere in esecuzione. (CORTESE, 1584)

A percepção da natureza como *arcana*, isto é, como cheia de mistérios, remonta à antiguidade helenística; o natural é associado ao divino, cujos segredos não podem ser revelados a todos, mas somente a alguns “merecedores”. Com a queda do Império Romano do Ocidente, esses saberes ligados ao esoterismo de forte caráter oriental são recebidos no ocidente sob um aspecto de “segredo” (EAMON, 1994, p. 15); a transmissão dos saberes deve ser restrita aos *iniciados*, frequentemente sob a forma de manuscritos contendo receitas variadas que exigem a manutenção do sigilo. Originalmente ligadas à alquimia, as primeiras compilações de receitas se encontram em dois papiros egípcios, datados do século IV d.C., conhecidos como “Leyden” e “Stockholm”, que foram traduzidos recentemente (JENSEN, 2008). As receitas contidas nesses papiros são emblemáticas da percepção helenística de

saberes práticos, como técnicas de alquimia. Segundo essa tradição, os saberes (sobretudo técnicos) eram revelados aos homens por uma divindade sincrética: Hermes Trismegisto, isto é, Hermes “três vezes grande”, que unia características do Hermes grego ao Thot egípcio. O *Corpus hermeticum*, formado por dezessete textos atribuídos ao deus desde a época bizantina (provavelmente do século II d.C.), continuará a ser a referência desses saberes eventualmente revelados até o início da época moderna (CORTESI, 2005, p. 44). O hermetismo helenístico contido em tais documentos se difunde na Idade Média, sendo as receitas copiadas e modificadas inúmeras vezes. O conhecimento implica uma dimensão de revelação, isto é, de *gnosis*. Se o saber é revelado por um deus, aqueles escolhidos para receber o dom não devem torná-las públicas; o discípulo, que é ao mesmo tempo um “erudito” e um “profeta”, transmite esses saberes a uma minoria iniciada por ele nas artes “secretas” (FESTUGIERE, 1967, p. 91).

As coletâneas medievais não constituem tratados organizados, mas o trabalho de preservação dos monges copistas medievais é essencial para que tenhamos a preservação de tais receitas. Porém, devido à sua falta de conhecimento técnico, e às cópias sequenciais de um mesmo manuscrito, algumas receitas tornaram-se simplesmente incompreensíveis ou absurdas. Sua circulação no mundo das oficinas é incerta, mas historiadores como Pamela O. Long veem neles justamente um elemento de ligação entre as culturas do *scriptorium* monástico e as práticas dos ateliês (2001, p. 82).

O *boom* editorial dos livros de segredos nos séculos XVI e XVII se insere nessa longa tradição, mas, embora os novos livros de segredos mantenham o esoterismo helenístico e a veneração a autoridades como Platão e Plínio, o Velho, os livros modernos têm um caráter ainda mais utilitário, se dirigem diretamente aos leitores, são muito mais organizados e de fácil consulta (com índices, por exemplo), e pretendem atingir o grande público. As receitas médicas contidas nos livros são um exemplo disso: elementos da medicina acadêmica, como a teoria dos humores, se misturam ao empirismo das práticas ditas “populares”, bem como à medicina ligada à alquimia e à filosofia natural, que ganha espaço nos debates da época graças à ação de médicos como Paracelso. As receitas que remontam à antiguidade são adaptadas para necessidades da época, como tratamentos para a sífilis. Ademais, a medicina astrológica ganha espaço graças à difusão de almanaques e outros livros “populares”. Os empíricos da medicina, como barbeiros-cirurgiões e parteiras se multiplicam, e chegam a contribuir com receitas para esses compêndios.

Dada a importância do fenômeno da difusão de segredos (tanto através dos livros quanto oralmente, sobretudo nas praças italianas), a charlatanaria também deve ser considerada. Simultânea ao sucesso dos livros de segredos, a prática de charlatões de toda sorte é muito ligada às transformações nas áreas médica e farmacêutica. Leonardo Fioravanti é um bom exemplo dessa interação, considerado charlatão por alguns e excelente médico por outros. Se pegarmos um exemplo da época, a principal diferença entre charlatões e professores de segredos depende do próprio segredo: se é falso, inútil ou fútil, ele não tem valor, e tampouco aquele que o difunde ao público, enquanto que, se a receita tem como finalidade o *bem universal*, o ofício torna-se respeitável (GARZONI, 1589, p. 189). Independentemente de tal distinção, podemos dizer que ambas as práticas inserem-se numa lacuna social nas cidades, entre o fechado mundo da medicina acadêmica e os remédios de curandeiros populares e parteiras de aldeias. Naturalmente, as polêmicas em torno de figuras como Fioravanti são sintomáticas desse processo.

A dimensão comercial do fenômeno dos livros de segredos – e dos produtos vendidos nas praças tanto por professores de segredos quanto por charlatões – não pode ser negligenciada. Fioravanti, por exemplo, se vale de seus livros para difundir seus remédios, unguentos e pomadas; numa época em que as patentes ainda não protegem eficazmente os produtos, a difusão de receitas de itens como seu *acqua di giuventù* permitia a associação de tal remédio a Fioravanti, protegendo-o assim de plágios (CORSINI, 1922, p. 77). Os livros também têm um objetivo claramente comercial do ponto de vista editorial. A escolha de publicá-los em italiano, e não em latim, nos indica que os editores tinham em mente um público alfabetizado, mas não instruído formalmente em latim, que buscava soluções práticas a necessidades cotidianas. Os impressores-editores-livreiros, percebendo as possibilidades de venda, buscavam em manuscritos e outros livros de segredos impressos receitas antigas, as compilavam, adaptando e reescrevendo procedimentos, alterando o vocabulário, seja para modernizá-lo como para torná-lo mais *standard*, menos regional. As exigências do mercado editorial acarretaram uma reorganização de saberes já fragmentados desde o fim da antiguidade. Massimo Rizzardini qualifica o fenômeno de “*sartoria tipografica*”, isto é, um *patchwork* tipográfico (RIZZARDINI, 2009, p. 31). Os resultados variavam: obras modestas *in octavo* de 6 a 8 páginas ou *ricettari in folio* importantes, ilustrados, contendo mais de 500 receitas.

Diferentemente dos livros de medicina douta, estudados nas universidades em latim, os livros de segredos são acessíveis, práticos, vendidos a qualquer um disposto a pagar alguns

tostões para conhecer “todos os segredos da natureza e das artes”. A iniciação ao saber não é mais necessária, basta ao leitor comprar o livro para penetrar no mundo das técnicas de ateliê e nos mistérios da natureza. Os livros de segredos refletem o cenário da época, e são centrais no debate sobre a difusão do conhecimento.

Professores de segredos

Desde o livro de Alessio Piemontese, *I Secreti del reverendo dono Alessio Piemontese*, diversos outros são publicados. Reedições e traduções se multiplicam por toda a Europa. Porém, os autores desses livros não constituem um grupo homogêneo: “empíricos” (cirurgiões, farmacêuticos), membros de academias científicas nascentes, charlatães, comerciantes, médicos etc. – além de autores imaginários, atribuições falsas, personagens desconhecidos ou inventados; são os “professores de segredos”.

O primeiro a utilizar essa expressão foi um monge agostiniano, que em 1585 escreveu *La piazza universale di tutte le professioni del mondo*. Publicada em Veneza, a obra de Tommaso Garzoni (1549-1589) constitui uma lista de todas as profissões praticadas na Itália na sua época, organizadas e descritas por ele. Observador de seu tempo, Garzoni foi o primeiro a reconhecer os “professores de segredos” como uma categoria profissional, ligada à difusão dos livros de segredos, que desde 1555 inundavam a Europa. Ele cita seis autores: Alessio Piemontese, Girolamo Ruscelli, Isabella Cortese, Giambattista Della Porta, Leonardo Fioravanti e Gabriele Falloppia, os autores mais célebres da época. É preciso excluir Gabriele Falloppia do grupo, pois o livro que ele teria escrito é uma atribuição falsa, tendo sido denunciado por um discípulo seu. Provavelmente se trata de uma tentativa da parte do editor de tornar uma compilação de segredos mais “séria”, vinculando-a ao nome de um célebre professor de anatomia (THORNDIKE, 1923, p. 218).

Os autores restantes formam um grupo interessante. Alessio Piemontese é provavelmente um personagem fictício, pseudônimo de Girolamo Ruscelli (1500-ca.1566). Sua própria história, narrada no prefácio, é curiosa: o autor se apresenta ao leitor como um senhor da nobreza, que havia percorrido o mundo, sempre buscando desvendar os mistérios da natureza. A busca solitária, a decepção com o mundo acadêmico, o desejo de viajar e descobrir os segredos da natureza através da experiência e o contato com “pessoas de toda sorte” nos fazem pensar imediatamente em Paracelso, que parece ser a fonte de inspiração da narrativa.

Alessio descreve como, após uma crise de consciência devida à morte de um paciente que teria podido ser salvo através de uma de suas receitas médicas (mas que ele não queria compartilhar), o autor decide revelar todos os seus segredos ao público, para “o bem universal”. Ora, é bastante possível que se trate de um livro escrito e compilado por Girolamo Ruscelli, polígrafo em Veneza. Nas edições seguintes, ele teria aumentado e reinventado a obra de Alessio.

O livro de Alessio Piemontese é sem dúvida aquele que teve o maior sucesso na “época de ouro” dos livros de segredos; o número de reedições em italiano, língua original da impressão, e a quantidade de traduções em diversas outras línguas (vernáculos e latim), comprovam que se trata de um *best-seller* da época. Segundo o inventário de John Ferguson, 56 edições dos *Secreti* foram publicadas no século XVI, e mais 30 outras até 1691 (1978, p. 228).

Diferentemente de Ruscelli, que compilava e escrevia segredos dos quais provavelmente não era o autor original, Leonardo Fioravanti (1518-1588) era um médico empírico, e se sabe muito sobre a sua prática graças aos diversos processos de colegiados médicos contra ele. Fioravanti passou sua vida viajando, sempre entrando em conflito com os médicos locais, de Bolonha até Madri, por causa de suas práticas não ortodoxas e em total desacordo com a medicina acadêmica baseada na teoria dos humores de Galeno e Hipócrates. Além dos livros que escrevia, ele vendia os próprios remédios e fazia demonstrações de suas habilidades médicas nas praças de cidades italianas, adquirindo rapidamente a fama de charlatão no meio acadêmico (CORSINI, 1922, p. 77; EAMON, 2010, p. 283). Entretanto, seu sucesso junto ao público era enorme, tornando-o uma figura ainda mais polêmica. Seus oito livros foram muito reeditados e diversas vezes traduzidos. A articulação da rede farmácia-praça-ateliê de imprensa é bem exemplificada pela atividade de Fioravanti, demonstrando a vinculação de locais típicos de sociabilidade e de circulação de saberes fora do mundo acadêmico no século XVI. Cirurgião itinerante, Fioravanti construiu uma reputação maior ainda como professor de segredos, o que é compreensível; seus livros são de simples e agradável leitura, com anedotas pessoais e um pouco de humor permeando toda a obra.

Diferentemente de Fioravanti, as fontes sobre Isabella Cortese são quase inexistentes: apenas o prefácio de seu livro nos dá algumas indicações sobre a autora, que se apresenta como uma nobre, que teria estudado alquimia e perfumaria no Leste europeu. Trata-se de um personagem provavelmente fictício, mas certamente famoso na época, dado o número de reedições da obra: publicado em Veneza em 1561, o livro é reeditado 15 vezes em italiano.

Isabella Cortese promete ao leitor divulgar segredos orientais, e, como os demais professores de segredos, tem uma concepção positiva da natureza, que é percebida em função do homem, cujo papel é desvendar seus mistérios para melhorar sua própria existência.

É muito possível que, assim como Alessio Piemontese, se trate de um pseudônimo, embora não se saiba quem seria o autor de fato da obra, e nem por que um nome feminino teria sido adotado, numa época em que os autores mais vendidos eram homens, e as publicações de obras escritas por mulheres, raras. Uma possibilidade que nos parece bastante plausível é que a escolha de uma senhora nobre como autora de segredos buscaria atrair um público leitor feminino, num contexto em que uma literatura voltada para o público feminino emergia em Veneza (LESANGE, 1993, p. 167).

O único dos professores de segredos a ser reconhecido por seu trabalho científico na época é Giambattista Della Porta (1535?-1615). Mesmo sem ter formalmente estudado em uma universidade, é o autor que mais se aproxima do mundo acadêmico, devido à posição de sua família na aristocracia napolitana, que lhe permitiu uma educação variada com preceptores particulares. Interessado desde cedo pelos “segredos da natureza”, Della Porta descreve detalhadamente em *Magia Naturalis* (1558) sua concepção do universo, coerente com os outros livros de segredos: os elementos da natureza contêm causas ocultas e manifestas, e essas qualidades se relacionam entre si através de ligações de simpatia e antipatia que permeiam todos os níveis do cosmo. A esfera natural reflete a divina, em suas hierarquias e relações, e os elementos celestes influenciam os terrestres, que se influenciam entre si.

Sua enorme cultura científica é visível em sua profusa obra: ótica, fisionomia, agricultura, astrologia, alquimia, criptografia e geometria são algumas das áreas sobre as quais escreveu. Muito célebre, sobretudo após as traduções em italiano e em inglês de sua obra, Della Porta era conhecido como “*perscrutatore dei secreti naturali*” (CORSANO, 2002, p. 97). Dentre os professores de segredos, é aquele que busca mais ativamente estabelecer uma nova metodologia no que tange às ciências naturais, baseada em uma concepção de ciência como *venatio*, isto é, como uma “caça”, uma busca pelos segredos da natureza (CAVAZZA, 1979, p. 107; EAMON, 1994, p. 271; KAVEY, 2007, p. 64). Della Porta é um bom exemplo dos debates sobre a filosofia ou magia natural da época, e sobre a importância de uma metodologia ligada ao empírico e à experiência.

O empirismo científico: contribuição das técnicas e da herança hermética

Um problema para compreender o papel da herança das técnicas na tradição dos livros de segredos é a falta de escritos sobre procedimentos técnicos. Dois fatores poderiam explicar essa dificuldade: o status social das artes mecânicas, ou técnicas, consideradas “inferiores” às artes liberais desde a antiguidade, e o aspecto naturalmente oral de sua transmissão. Independentemente da questão do status intelectual e social das técnicas, que envolve um debate filosófico e historiográfico no qual não pretendemos entrar neste trabalho, a tradição de transmissão oral de procedimentos técnicos deve ser levada em conta, já que tais conhecimentos costumavam ser passados deste modo de pai para filho, de mestre para aprendiz, pela observação, repetição e imitação dos gestos; são “saberes da mão”.

A literatura de receitas constitui uma exceção a essa regra, um caso particular na transmissão de saberes técnicos, que nos permite conhecer mais do mundo do artesão (real ou imaginado pelo autor do livro). A literatura de segredos é fruto de uma representação que aquele que descreve o mundo do ateliê faz do mesmo; viva e dinâmica, essa literatura tem um papel importante no desenvolvimento de um interesse cada vez maior pela experimentação:

Mise par écrit, la recette vit d'une vie autonome, où chaque copiste ne se prive d'ajouter, de retrancher, de modifier des ingrédients et des opérations. Copiés et recopiés, puis imprimés, ces recueils de *Secrets* approvisionnent la nouvelle science d'un vrac d'*experimenta*, de trucs efficaces ou réputés tels, dont William Eamon a bien montré le rôle dans la naissance de la méthode expérimentale (HALLEUX, 1998, p. 803).

Realmente, o aspecto técnico dos livros de segredos é um dos elementos centrais para sua compreensão. William Eamon os caracteriza como o resultado do conhecimento “daquele que faz” (*maker's knowledge*), e acrescenta que, ainda que o papel da tradição esotérica nesses livros seja importante, o papel da técnica não pode ser desconsiderado, já que essencialmente são livros “*how-to*”, que pretendem revelar receitas úteis ao cotidiano (EAMON, 1994, p. 113).

Pamela Smith estuda o lado técnico dos segredos detalhadamente, percebendo essas coletâneas como manuais técnicos, em que “arte” e “segredo”, assim como “segredo” e “receita” são sinônimos:

Indeed, it is telling that by the sixteenth century 'secrets' and 'arts' seem to be synonymous, as for example, in the 1616 German translation of the pseudonymous Alessio Piemontese's book of secrets that was titled Book of

the art (Kunstabuch) of the Experienced Mr. Alexis Piedmontese, about Many Useful and Valuable Secrets or Arts (SMITH, 2011, p. 48).

Entretanto, se os livros de segredos aliam a tradição esotérica aos saberes práticos de artesão, ambos em sua base ligados a uma circulação dos saberes limitada a certos grupos, a questão que se coloca é o fato de tornar públicos saberes provenientes de duas tradições há muito tempo “secretas”. Parece de fato paradoxal o sucesso de vendas dos livros de segredos; no momento em que viram acessíveis, não deixariam as receitas de serem de fato segredos?

A historiografia clássica das guildas por muito tempo sustentou a hipótese de que o segredo dos procedimentos técnicos fosse natural às corporações, necessário para manter as vantagens comerciais e, portanto, protegido pelas mesmas. Esta concepção é cada vez mais questionada, indo ao encontro de uma interpretação mais aberta da difusão dos segredos, como exemplificada pela literatura de receitas (REITH, 2010, p. 137; STEWARD, 2005, p. 408). Pamela O. Long, por exemplo, defende que a ausência de descrições de procedimentos técnicos até o Renascimento se deve à transmissão predominantemente oral desses saberes, e não à necessidade de manter as técnicas secretas, denunciando essa correlação como falsa (LONG, 2001, p. 74). No caso do sucesso dos livros de segredos, assistiríamos justamente à quebra desse paradigma, com a difusão de técnicas por escrito para alcançar leitores desvinculados do mundo das técnicas. Esses saberes provenientes da experiência do artesão estariam na origem do que consiste um *segredo*, mas que não implicaria obrigatoriamente o *sigilo*:

The arts must be acquired by practice, and they are extended and improved by practice. Everyone who exercises them comes to have special power and certain ways of doing things, which may enable him to surpass others who are similarly engaged. These are his ‘secrets’, which very often he cannot or will not, reveal to others. (FERGUSON, 1998, p. IX).

Outra hipótese levantada sobre o porquê do segredo de certos saberes é demonstrada por livros clássicos como *De occulta philosophia* de Agrippa, que exigem o sigilo do leitor sobre procedimentos de alquimia. Ademais, códigos, símbolos, metáforas e pistas espalhadas ao longo do livro garantem que somente leitores “merecedores” compreendam a obra em sua totalidade. Paradoxalmente, na versão em italiano desta obra (e, portanto destinada a um público maior do que o texto original), tal característica se mantém. Os segredos estão disponíveis para todos os leitores, mas não são acessíveis a todos:

Solo per voi, figli della dottrina e della sapienza, abbiamo scritto quest'opera. Scrutate il libro, raccoglietevi in quella intenzione che abbiamo dispersa e collocata in più luoghi; ciò che abbiamo occultato in un luogo, l'abbiamo manifestato in un altro, affinché possa essere compreso dalla vostra saggezza (AGRIPPA, 1533, p. 65).

Mesmo no caso de livros como *Mappae clavicula*, que se pretende justamente uma “pequena chave do mundo”, ou seja, um livro de apoio à leitura de segredos, certas receitas (sobretudo de transmutação de metais) exigem que o leitor mantenha o sigilo. Ou seja, o fato de certos saberes serem secretos ainda é importante, demonstrando a herança medieval, apesar da promessa de difusão do conhecimento no prólogo: “*In a closed house it is impossible without the key to possess what is easily possessed by those who are in the house. Thus, without this commentary all writing consigned to the sacred books remains closed, and the sense obscure to those who read it*” (LONG, 2001, p. 83). Esses exemplos nos permitem pensar que o segredo no mundo dos ateliês não fosse tanto uma vantagem comercial, ou uma tradição da própria natureza das corporações, mas estaria ligado à herança hermética e esotérica medieval da alquimia (LONG, 2001, p. 84).

Aqueles que praticam trabalhos manuais têm a “chave” dos segredos técnicos de seu ofício, ligada à experiência, e também da natureza no que concerne às suas atividades: propriedades curativas de plantas, composição dos minerais, etc. O encontro dos segredos da natureza com aqueles das técnicas está na base da literatura de receitas, é lá que a tradição esotérica encontra o mundo do ateliê. Os pedreiros, cirurgiões, parteiras e ferreiros conhecem os segredos da natureza ligados às suas atividades. É natural, portanto, que a literatura de segredos englobe tanto técnicas quanto a própria natureza.

O nascimento da ciência moderna

Ao revisar a historiografia da Revolução Científica no que concerne à contribuição da técnica para o nascimento da ciência moderna, Floris Cohen afirma que a longa discussão sobre as origens técnicas (como a literatura de segredos) do método experimental, que caracteriza a ciência moderna, deve se ater à questão do aporte da tradição artesanal e de seu alcance. Pegando o emblemático caso de Galileu como exemplo, Cohen concorda com Leonardo Olschky e Lynn White, que afirmam que Galileu pôde experimentar suas teorias concretamente dada a sua proximidade com o mundo dos ateliês, que lhe teria fornecido o

meio ideal para testar suas hipóteses (COHEN, 1994, p. 347; OLSCHKI, 1927; OLSCHKI, 1943):

We can now see that the rapidly expanding mechanic arts of Galileo's age (...) provided novel controlled situations, almost laboratory situations, in which he could be among the first to observe natural phenomena (...), which are not easily perceived in a pure state of nature. It is exactly Galileo's environment of technical innovations like suction pumps and pendula which makes the tonality of his new sciences historically intelligible (WHITE, 1978, p. 132).

A historiografia a respeito desse personagem é vastíssima e heterogênea; naturalmente não pretendemos aqui fazer seu resumo (ROSSI, 1993). O que nos interessa é o debate sobre a importância da tradição técnica, representada aqui pela literatura de segredos, no nascimento da ciência moderna. Embora não se possa reduzir a Revolução Científica ao desenvolvimento das técnicas, o mundo do artesão parece ter contribuído também de outra maneira para o nascimento da ciência moderna, não apenas propiciando um meio adequado para a verificação de novas hipóteses, mas difundindo a ideia de que o conhecimento é ratificado pela experiência, que devem poder ser repetidas e demonstradas. Essa mudança de paradigma parece a contribuição mais relevante da literatura de receitas à ciência moderna, através da tradição dos laboratórios de alquimistas:

*(...) les procédures expérimentales de l'âge classique sont issues de plusieurs traditions : des méthodes de vérification et de contrôle pratiquées par les essayeurs ; des démonstrations utilisant des supports mécaniques et des instruments chez les ingénieurs ; les *experimenta* proprement dits, c'est-à-dire toute espèce de procédés avérés, attestés, mais de cause inconnue, dont la légitimité repose uniquement sur une efficacité réelle ou prétendue. Le vocabulaire a son importance, car il définit la fonction de ces procédures dans le discours scientifique : investigation, vérification et contrôle, confirmation, validation (HALLEUX, 2009, p. 105).*

Embora a experimentação aqui seja diversa de seu conceito moderno (e que a própria palavra *experiência* exija um debate conceitual e historiográfico), alquimistas e médicos empíricos atuaram como intermediários entre um mundo teórico e acadêmico e a prática concreta. Essa ligação estaria na base da ciência moderna, com um novo conceito de experiência:

La rivendicazione del valore conoscitivo dell'esperienza diretta comportò una trasformazione radicale del concetto aristotelico di esperienza. Per gli aristotelici l'esperienza scientifica doveva essere mediata da un complesso apparato di categorie attraverso le quali definire analiticamente le cause del fenomeno studiato e il suo sostrato materiale. Per i naturalisti rinascimentali, vice versa, dal momento che un'attenta osservazione della natura rivelava tutti i segni necessari a una sua comprensione diretta, non c'era alcun bisogno di ricorrere ad apparati tanto complessi (BERETTA, 2002, p. 12).

Desde o clássico *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition* (1964), de Frances Yates, o debate a respeito da influência dessas doutrinas esotéricas (exemplificadas aqui pela literatura de receitas) sobre o pensamento de renascentistas vem ganhando importância. Yates descreve a redescoberta de fontes herméticas (principalmente de astrologia e alquimia) por pensadores do Renascimento e as formas como eles se apropriaram desta tradição, que teria influenciado enormemente suas teorias, como o heliocentrismo copernicano, que estaria na base da ciência moderna.

Ainda que o clássico livro de Yates não tenha sido o primeiro a relacionar a tradição mágica ao nascimento da ciência mecanicista (ROSSI, 2004; THORNDIKE, 1923), foi sem dúvida aquele que mais influenciou a historiografia sobre o assunto. A teoria que veio a ser conhecida como *Yates thesis* tornou-se célebre ao defender a importância do hermetismo na formação da ciência moderna, embora o debate não esteja pacificado (COPENHAVER, 1990). De todo modo, essa mudança historiográfica afeta a interpretação da literatura de segredos e sua herança hermética, que agora sabemos ter sido estudada seriamente pelo exemplo máximo de ciência mecanicista, Isaac Newton (MCGUIRE; RATTANSI, 1966; MCGUIRE, 1974, p. 127).

Além da concepção hermética de unidade do cosmo, o valor da experiência é um elemento constante no discurso dos professores de segredos, sobretudo no que tange ao papel da arte como “ajudante” da natureza, como percebemos na obra de Fioravanti:

Non è dubbio (...), che l'arte non giova a tutte le cose create dalla natura. E che ciò sia il vero, se noi scorriamo per le cose naturali, troveremo che la natura non opera mai cosa nessuna, che sia perfetta senza l'arte. E questo lo approvarò con molte belle ragioni ed esperienze. (...) Si che dalle sopradette cose, noi possiamo vedere come di gran lunga l'arte è aiutrice della natura (1570)

Ora, se o homem (através da figura do mago) é capaz de conhecer a natureza e as propriedades dos elementos naturais tão profundamente a ponto de manipulá-los de acordo com o interesse humano, então se inaugura uma percepção do homem como *operador*. A

contribuição de Yates é essencial para a tradição da literatura dos segredos porque ela articula a figura do homem (seja um mago ou um professor de segredos) a alguém que opera, que experimenta, ou seja, que rompe o paradigma medieval da contemplação escolástica e inaugura um modelo “moderno”, próprio da ciência mecanicista: *“The Hermetic core of Ficinian Neoplatonism (...) and the Hermetic attitude toward the cosmos (...) are the chief stimulus of that new turning toward the world and operating on the world which, appearing first as Renaissance magic, was to turn into seventeenth-century science”* (YATES, 1968, p. 255).

Considerações finais

Os livros de segredos são um fenômeno típico de seu tempo, caracterizados sobretudo por um sincretismo cultural que une tradições de diversas origens (técnicas, hermetismo, alquimia, medicina empírica, farmacologia, magia natural etc.). A literatura de receitas é representativa de diversos debates intelectuais do início da Idade Moderna, como a questão da difusão do conhecimento, da “vulgarização” dos saberes para um público cada vez maior, graças às publicações em línguas vernáculas. Embora a literatura de segredos seja bastante heterogênea, a tônica no papel do homem como operador do universo através da experiência é constante. É esse “homem-operador” que parece constituir a ligação mais forte entre o universo da magia natural de Della Porta, a medicina empírica de inspiração paracelsiana de Fioravanti, a complexa transmutação dos metais de Cortese e as receitas de fármacos botânicos de Alessio Piemontese (COPENHAVER, 1988, p. 81; WEBSTER, 1980).

Além de conceito unificador dos professores de segredos, o “homem-operador” aliado à experiência também parece ser o elo que mais aproxima a literatura de segredos em geral da nova ciência mecanicista de Galileu. Os livros de segredos estão na base de um empirismo baseado nas técnicas que será uma das principais características da ciência “moderna”. Assim, através da experiência e das operações, os mundos da arte e da natureza se encontram; as técnicas não servem apenas para imitar a natureza, mas para completá-la, e mesmo melhorá-la, tendo como fim último melhorar a própria existência humana: *“... They (Pico della Mirandola, Trithemius, Agrippa, Paracelso, etc.) also believed that the understanding of these natural forces could be turned to operative effect, opening up for man the possibility of achieving by natural means what had hitherto been regarded as miraculous”* (WEBSTER, 1980, p. 58).

Nos dinâmicos centros urbanos como Veneza ou Paris, o mundo da imprensa, que permite uma maior difusão do conhecimento, dá impulso à troca de ideias (EISENSTEIN, 1979, p. 573). Novos centros de sociabilidade e saber se articulam em torno dos ateliês de imprensa, que publicam livros em línguas vernáculas, formando uma rede de tradutores, copistas, ilustradores, polígrafos, compiladores e livreiros (BELFANTI, 2003). Esses centros urbanos são o palco de desenvolvimento dessa percepção cada vez mais difundida do potencial das artes, como demonstrado na obra de Della Porta: “ (...) *Wherefore, as many of you come to behold Magick, must be persuaded that the works of Magick are nothing else but the works of Nature, whose dutiful hand-maid Magick is*” (1658).

William Eamon, ao colocar a literatura de segredos no centro dos debates (EAMON, 1994), enfatiza seu papel no surgimento da ciência moderna sobretudo do ponto de vista do papel das técnicas no desenvolvimento de um novo conceito de experimentação. A contribuição de Eamon no entendimento dessa literatura é essencial, mas propomos uma maior valorização da herança hermética através do conceito de “homem-operador” desenvolvido por Yates e Rossi. É o homem que *opera* sobre a natureza, dominando-a para seu próprio benefício através das técnicas e da *experiência*. São esses dois conceitos que unificam a literatura de receitas moderna; experimentação e operações humanas constituem a base de um projeto novo de compreensão (e domínio) do universo, articulado pelos professores de segredos.

O uso de expressões como “verificação”, “comprovação”, “experiência” e “investigação” pelos professores de segredos é emblemático desse processo, em que o homem é um *agente* que *experimenta*. As receitas têm um caráter “*how-to*” utilitário e técnico, mas também uma dimensão de “*maker’s knowledge*”, ou seja, de valorização da busca ativa do saber. A literatura de segredos é, portanto, um ponto de contato entre diversas culturas; são “passarelas de saberes”, segundo a expressão de Robert Halleux. Representativas das influências mútuas entre diferentes tradições, as receitas têm em comum a construção de um universo baseado em operações e na experiência, em que a natureza é percebida em função do homem, e o conhecimento tem como finalidade melhorar a existência humana. O homem terá o papel central nesta *venatio*, na “caça” que consiste a busca pelo conhecimento científico da natureza, através das artes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRIES, Lis. *Le Grand livre des secrets*. Le Colportage en France aux 17e et 18e siècles. Paris: Imago, 1994.

ANDRIES, Lise; BOLLÈME, Geneviève. *La Bibliothèque bleue*. Littérature de colportage. Paris: Robert Laffont, 2003.

BELFANTI, Carlo Marco. Corporations et brevets : les deux faces du progrès technique dans une économie préindustrielle (Italie du Nord, XVIe – XVIIIe siècles). In: HILAIRE-PEREZ, Liliane; GARÇON, Anne-Françoise. *Les Chemins de la nouveauté: Innover, inventer au regard de l'histoire*. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 2003.

BERETTA, Marco. *Storia materiale della scienza: dal libro ai laboratori*. Milão: Bruno Mondadori, 2002.

BONNEMAIN, Henri. Remèdes secrets. *Revue d'histoire de la pharmacie*, ano 89, n. 332, p. 471-476, 2001.

BOTREL, Jean-François. Une Bibliothèque bleue espagnole? Les Historias de cordel (XVIIe-XXe siècle). In: DELCOURT, Thierry; PARINET, Élisabeth. *La Bibliothèque bleue et les littératures de colportage*. Paris: École des Chartes/Troyes, 2000, p. 193-209.

CAVAZZA, Marta. Metafore venatorie e paradigmi indiziari nella fondazione della scienza sperimentale. *Annali dell'Istituto di Discipline filosofiche dell'Università di Bologna*, Bologna, n. 1, v. I, p. 107-111, 1979-80.

COHEN, Floris. *The Scientific Revolution: A Historiographical Inquiry*. Chicago: Chicago University Press, 1994.

COPENHAVER, Brian. Hermes Trismegistus, Proclus, and the Question of a Philosophy of Magic in the Renaissance. In: DEBUS, Allen; MERKEL, Ingrid. *Hermeticism and the Renaissance: Intellectual History and the Occult in Early Modern Europe*. Cranbury: Associated University Presses, 1988.

COPENHAVER, Brian. Natural Magic, Hermetism, and Occultism in Early Modern Science. In: LINDBERG, David; WESTMAN, Robert. *Reappraisals of the Scientific Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CORSANO, Antonio. *Per la storia del pensiero del tardo Rinascimento: Opere scelte*. Taurisano: Congedo, 2002.

CORSINI, Andrea. *Medici ciarlatani e ciarlatani medici*. Bologna: Zanichelli, 1922.

CORTESI, Paolo. *Storia e segreti dell'alchimia*. Roma: Newton & Compton, 2005.

DEBLOCK, Geneviève. Astuces, Farces, Magie: Les Recettes de divertissements du 'Bâtiment des recettes' (XVIe – XIXe siècles). *Techniques & Culture*, Paris, n. 59, p. 25-39, 2012.

EAMON, William. How to Read a Book of Secrets. In: LEONG, Elaine; RANKIN, Alisha. *Secrets and Knowledge in Medicine and Sciences: 1500-1800*. Farnham: Ashgate, 2011.

EAMON, William. *Science and the Secrets of Nature: Books of Secrets in Medieval and Early Modern Culture*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

EAMON, William. *The Professor of Secrets: Mystery, Medicine, and Alchemy in Renaissance Italy*. Washington: National Geographic, 2010.

EISENSTEIN, Elizabeth. *The Printing Press as an Agent of Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

FERGUSON, John. *Bibliographical Notes on Histories of Inventions and Books of Secrets*. Staten Island: Pober, 1998.

FERGUSON, John. *The Secrets of Alexis: a Sixteenth Century Collection of Medical and Technical Receipts*. Londres: Society of Antiquaries, 1897.

FESTUGIERE, André-Jean. *Hermétisme et mystique païenne*. Paris: Aubier-Montaigne, 1967.

HALLEUX, Robert. *Le Savoir de la main: Savants et artisans dans l'Europe pré-industrielle*. Paris: Armand Colin, 2009.

HALLEUX, Robert. Savoirs techniques. In: BLAY, Michel; HALLEUX, Robert. *La science classique: XVIe-XVIIIe siècle, Dictionnaire critique*. Paris: Flammarion, 1998.

JENSEN, William. *The Leyden and Stockholm Papyri: Greco-Egyptian Chemical Documents from the Early 4th Century AD, An English Translation with Brief Notes by Earle Radcliffe Caley*. Cincinnati: University of Cincinnati Press, 2008.

KAVEY, Allison. *Books of Secrets: Natural Philosophy in England, 1550-1600*. Chicago: University of Illinois Press, 2007.

KENNY, Neil. The Metaphorical Collecting of Curiosities in Early Modern France and Germany. In: WESTON-EVANS, Robert-John; MARR, Alexandre. *Curiosity and Wonder from the Renaissance to the Enlightenment*. Oxford: Ashgate, 2006, p. 43-62.

LESAGE, Claire. La Littérature des 'Secrets' et I secreti d'Isabella Cortese. *Chroniques italiennes*, Paris, n. 36, p. 145-178, 1993.

LONG, Pamela. *Artisan/Practitioners and the Rise of New Sciences: 1400-1600*. Corvallis: Oregon State University Press, 2011.

LONG, Pamela. *Openness, Secrecy, Authorship: Technical Arts and the Culture of Knowledge from Antiquity to the Renaissance*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.

MANDROU, Robert. *De la Culture populaire aux 17e et 18e siècles*. Paris: Imago, 1999.

MCGUIRE, James. Neoplatonism and Active Principles: Newton and the Corpus Hermeticum. In: MCGUIRE, James; WESTMAN, Robert. *Hermeticism and the Scientific Revolution: Papers read at a Clark Library Seminar*. Los Angeles: William Andrews Clark Memorial Library, 1977.

MCGUIRE, James; RATTANSI, Piyo. Newton and the 'Pipes of Pan'. *Notes and Records of the Royal Society*, Londres, n. 21, p. 108-143, dez. 1966.

OLSCHKI, Leonardo. Galileo's Philosophy of Science. *The Philosophical Review*, Durham, v. 52, n. 4, p. 349-365, jul. 1943.

OLSCHKI, Leonardo. *Geschichte der neusprachlichen wissenschaftlichen Literatur*, vol. 3, *Galileo und seine Zeit*. Halle: Niemeyer, 1927.

REITH, Reinhold. The Circulation of Skilled Labour in Late Medieval and Early Modern Central Europe. In: EPSTEIN, Stephan; PRAK, Maarten. *Guilds, Innovation and the European Economy: 1400-1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

RIZZARDINI, Massimo. *Secretum: Alchimia, medicina e politica del corpo nel Rinascimento*. Milão: Francesco Bevivino, 2009.

ROSSI, Paolo. *Francesco Bacone: Dalla magia alla scienza*. Bologna: Il mulino, 2004.

ROSSI, Paolo. Immagini di Galileo. *Convegno Internazionale "Galileo 350 anni dopo"*, Florença-Pisa, 15-17 de fevereiro de 1993.

SMITH, Pamela. *The Body of the Artisan: Art and Experience in the Scientific Revolution*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

SMITH, Pamela. What is a Secret: Secrets and Craft Knowledge in Early Modern Europe. In: LEONG, Elaine; RANKIN, Alisha. *Secrets and Knowledge in Medicine and Sciences: 1500-1800*. Farnham: Ashgate, 2011.

SPUFFORD, Margaret. *The Great Reclothing of Rural England: Petty Chapman and their Wares in the Seventeenth Century*. London: Hambledon Press, 1984.

STEWART, Larry. Science, Instruments and Guilds in Early Modern Britain. *Early Science and Medicine*, Nijmegen, v. 10, n. 3, 2005.

TELLE, Joachim. *Pharmazie und der gemeine Mann. Hausarznei und Apotheke in deutschen Schriften der frühen Neuzeit*. Wolfenbüttel: Herzog August Bibliothek, 1982.

THORNDIKE, Lynn. *A History of Magic and Experimental Science*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1923-56, v. VI e VIII.

WEBSTER, Charles. *From Paracelsus to Newton. Magic and the making of Modern Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

WHITE, Lynn. *Medieval Religion and Technology: Collected Essays*. Los Angeles: University of California Press, 1978.

YATES, Frances. *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*. Oxon: Routledge Classics, 2002.

YATES, Frances. The Hermetic Tradition in Renaissance Science. In: SINGLETON, Charles. *Art, Science and History in the Renaissance*. Baltimore: Johns Hopkins, 1968.

ZIMMERMAN, Birgit. *Das Hausarzneibuch: Ein Beitrag zur Untersuchung laienmedizinischer Fachliteratur des 16. Jahrhunderts unter besonderer Berücksichtigung ihres*

humanmedizinischen-pharmazeutischen Inhalts. Marburg: Diss. med. Univ. Marburg/Lahn, 1975.

Fontes documentais

AGRIPPA VON NETTESHEIM, Heinrich Cornelius, *La filosofia occulta o la magia (De occulta philosophia)*, Roma, 1533.

CORTESE, Isabella. *I segreti de la signora Isabella Cortese, ne'quali si contengono cose minerali, medicinali, arteficiose, e alchemique, e molte de l'arte profumatoria, appartenente a ogni gran signora, con altri bellissimoi segreti aggiunti*. Veneza, 1565

CORTESE, Isabella. *I segreti della signora Isabella Cortese*. Veneza, 1584.

CORTESE, Isabella. *I segreti della signora Isabella Cortese: ne quali si contengono cose minerali, medicinali, arteficiose & alchimiche: et molte dell'arte profumatoria...*, Veneza, 1603.

DELLA PORTA, Giambattista. *Magiae naturalis, siue de miraculis rerum naturalium*, Napoles, 1558.

DELLA PORTA, Giambattista. *La magie naturelle: qui est, les secrets et miracles de nature mise en quatre livres par Jean Baptiste porta Neapolitain...*, Paris, 1615.

DELLA PORTA, Giambattista. *Della magia naturale del signor Gio Battista della Porta*, Nápoles, 1677.

DELLA PORTA, Giambattista. *Natural Magick by John Baptista Porta: a neapolitane in twenty books*. Londres, 1658.

FIORAVANTI, Leonardo. *Capricci medicinali*. Veneza, 1561.

FIORAVANTI, Leonardo. *Del compendio de i segreti rationali [di] M. Leonardo Fioravanti Bolognese*. Veneza, 1564

FIORAVANTI, Leonardo. *Il tesoro della vita humana dell'eccelesente dottore e Cavalier M. Leonardo Fioravanti Bolognese*. Veneza, 1570.

GARZONI, Tommaso. *La Piazza universale di tutte le professioni del mondo: con l'aggiunta d'alcune bellissimoi annotationi a discorso per discorso*. Veneza: Giovanni Battista Somasco, 1589, p. 189.

PIEMONTESE, Alessio (?). *De' secreti del reverendo Donno Alessio Piemontese. Milão, 1559.*

PIEMONTESE, Alessio (?). De secretis libri sex mira quamdam rerum varietate referti ex italico in latinum sermonem nunc primum translati per Ioannem Iacobum Weckerum, medicum, Lyon, 1561.

PIEMONTESE, Alessio (?). Empirie, et secrets du s. Alexis piemontois. Antuérpia, 1561.

ARTIGO ENVIADO EM: 10/10/2014
ACEITO PARA PUBLICAÇÃO EM: 30/10/2014